

A representação do poder real e as festas públicas no Rio de Janeiro colonial

Sonia Gomes PEREIRA *

O objetivo desta comunicação é examinar o processo de representação do poder monárquico português, através da organização, da realização e do relato de festas públicas no Brasil colonial. A partir de documentação – existente na Biblioteca Nacional, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e no Arquivo Geral da Cidade, todos no Rio de Janeiro –, temos notícias de várias destas festas realizadas nesta cidade – notícias escassas em relação ao século XVII, mas bem mais numerosas quanto ao século XVIII.

Festa pela aclamação de D. João IV em 1641

Em março de 1641, comemorou-se a restauração e a aclamação de D. João IV, festa mencionada na bibliografia especializada¹ e da qual existe documentação de época, constituída por um folheto com descrição pormenorizada dos eventos² (Anexo 1).

A notícia da aclamação de D. João IV chegou ao Rio de Janeiro no dia 10 de março, através de carta vinda da Bahia. Imediatamente o governador Salvador Correia de Sá e Benevides convocou o Senado da Câmara para o juramento ao novo rei e providenciou o lançamento de bando, para a divulgação da notícia, ordenando três noites de luminárias. Duas cartas do novo rei chegaram logo depois, no dia 19: foram entregues ao governador – quando este se encontrava

* *Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

¹ Esta festa é citada em: Ávila, Afonso. «Festa barroca: ideologia e estrutura». In *Revista Barroco*, nº 14, anos 1986/9, Belo Horizonte, p. 74; Vieira Fazenda, José. «Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro». In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 86, v. 140 (1919). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921, p.121-126; Macedo, Roberto. *Efemérides cariocas*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1943, p. 78; Winz, Antônio Pimentel. *História da Casa do Trem*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1962, p. 194.

² «Relação da aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, e nas mais ao Sul, ao Senhor Rei D. João IV, por verdadeiro Rei e Senhor de seu Reino de Portugal, com a felicíssima restituição que d'e le se fez a Sua Majestade, que Deus lhe guarde, etc. Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1641». In *Revista do IHGB*, tomo 5º, 1843. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert & Co., 1886 (3ª ed.), p. 343-352.

no Mosteiro de S. Bento, por ocasião das festividades em honra ao patrono desta ordem – e motivaram novas manifestações de aclamação³.

No dia 11 de março, o governador enviou emissários para as capitânias vizinhas, numa clara preocupação em divulgar rapidamente a notícia e assegurar a unidade da colônia, como afirma o próprio documento: desejava que «*as capitânias de baixo, S. Vicente e S. Paulo e onze villas de que constam, jurassem a mesma obediência [...] pois nellas consiste a conservação e sustento de todo o Brasil e ainda de Portugal [...] por os mantimentos que produzem, como por as minas de ouro que conservam [...]*»⁴. É interessante observar que as minas ainda não tinham sido descobertas, mas a consciência da riqueza da colônia e a ameaça dos holandeses instalados no nordeste reforçavam a preocupação com a unidade territorial.

Por ser a penúltima semana da Quaresma e também para dar tempo aos preparativos, foi marcado para o domingo de Páscoa – dia 31 de março – o início da festa, que se prolongou por oito dias, até 8 de abril. A programação incluía: uma encamisada⁵ no dia 31 de março; um alardo geral⁶ no Campo da Ajuda no dia 1 de abril; touradas no dia 2; jogo de canas⁷ no dia 3; no dia 4, a representação de uma comédia, preparada para um teatro armado na praça, teve de ser transferida para a casa do governador, por causa da chuva; no dia 5, a chuva continuou e não houve festa; no dia 6, fizeram corrida de manilhas⁸; no dia 7 saíram duas companhias de máscaras⁹; e no dia 8 terminou a festa com um alardo¹⁰.

³ Certamente Salvador C. de S. e Benevides foi criticado por adesão tão rápida, apenas com a carta do governador geral, pois o documento enfatiza que, no dia 19, quando chegam as duas cartas de D. João IV, ele fez questão de exibi-las aos presentes no Mosteiro de S. Bento: «*reco-nhecendo por o subscrito serem de S. M., levantando-se [...] abriu uma, beijando e pondo sobre sua cabeça a real firma que nella viu, a manifestou ao povo, donde havia algum, que censurava o haver andado o Governador facil na aclamação sòmente pela carta do Vice-Rei*». Ou ainda mais adiante: «*E por evitar de todo as censuras e remover os animos ao affecto tão justamente devido a El-Rei N. Sr., mandou [...] lêr em publico a carta [...] com que se duplicaram os vivas, se pluralisaram as graças ao Céu, e se desterrou toda a murmuração*». Relação da aclamação..., op. cit., p. 349.

⁴ Relação da aclamação..., op. cit., p. 348.

⁵ Na noite de Páscoa, começou a festa por uma encamisada: uma marcha montada em que 116 cavaleiros desfilaram levando tochas acesas e se apresentaram cobertos de compridas capas brancas, percorrendo todas as ruas da cidade. A riqueza da indumentária é enfatizada no documento: os 116 cavaleiros «*com tanta competencia luzidos, tão luzidamente lustrosos e tão lustrosamente custosos, que nem Milão foi avaro, nem Italia deixou de ser prodigamente liberal, deixando cada um não somente exceder ao outro, mas ainda avantajár ao mais poderoso*». Relação da aclamação..., op. cit., p. 350. O cortejo terminava com dois carros ornados de sedas, ramos e flores e trazia música.

⁶ Na segunda-feira houve alardo geral – revista ou parada com escaramuças – no Campo da Ajuda, onde se armaram dois esquadrões – «*fazendo das Companhias do Presidio um batalhão, e das da terra outro, e uma companhia de frecheiros com 118 homens de emboscada, e a cavallaria em seu logar e elle (o governador) a cavallo, vestido de tella encarnada, accometeram-se os dous campos por 5 vezes escaramuçando [...]*». Relação da aclamação..., op. cit. p. 350-351.

⁷ Na quarta-feira, jogaram-se canas, «*acaudilhando o Governador uma quadilha de 15 cavalleiros e outra de iguaes o capitão Duarte Correa Vasqueanes*». Relação da aclamação, op. cit., p. 351.

⁸ No sábado, «*correram-se manilhas, sendo os opositores 20 cavalleiros, não faltando o Governador*». Relação da aclamação..., op. cit., p. 351.

⁹ No domingo, saíram «*duas companhias de gente principal mascaradas e vestidas ao gracioso burlesco [...]*». Relação da aclamação..., op. cit., p. 351.

¹⁰ Na segunda-feira, terminou a festa com um alardo, «*que os estudantes [...] ordenaram, dando mostras de que também, quando fôsse necessario em serviço de S. M., saberiam disparar o arcabuz, como o construir os livros*». Relação da aclamação..., op. cit., p. 351.

Ao longo do documento, há várias referências aos locais da cidade utilizados nesta festa (Anexo 2). No dia 10 de março, logo ao receber a notícia, o governador congregou os notáveis da cidade na sala da biblioteca do Colégio dos Jesuítas; depois do juramento e lavrado o auto, foi trazido o estandarte real da Câmara e saíram todos em procissão até a Sé Matriz, onde foi feito novo juramento. O Colégio dos Jesuítas e a Sé ficavam no alto do Morro do Castelo. Já a Casa da Câmara e Cadeia, nesta época, havia sido transferida para a parte baixa da cidade, no novo prédio construído na rua da Misericórdia, esquina com rua da Assembléia, em torno de 1640¹¹.

Durante a festa entre 31 de março e 8 de abril, boa parte da programação processou-se no Campo da Ajuda, próximo ao morro do Castelo, mas ainda não urbanizado nesta época. Há também referência a um teatro armado numa praça não identificada, provavelmente o próprio Campo da Ajuda, e à récita na casa do governador, então já transferida para a várzea¹².

Em meados do século XVII, a cidade, apesar de ainda estar concentrada no alto do Morro do Castelo, já começara a ocupação da várzea, avançando sobretudo ao longo do eixo formado pelas ruas da Misericórdia e Direita, em direção ao Morro de São Bento.

É também notória no documento a percepção da cidade como um lugar limitado e a sua transfiguração com a festa, como se evidencia nestas duas descrições: no dia do lançamento do bando, «*viu-se aquella noite a cidade toda ornada de luzes, tão brilhante de invenções, tão lustrosa de fogos, e tão inquieta de vivas pelas ruas, e artilharia nos navios e fortalezas, que de uma parte parecia que o Céu havia transladado as estrellas e de outra que a abrazada Tróia se representava na confusão das vozes e repetições da pólvora [...]*»¹³. Ou então no primeiro dia da festa, quando «*se viu a cidade tão ornada de luminárias, que não fazendo falta o brilhante esplendor do Planeta Monarcha, e substituidas as estrellas nas janellas e ruas, formavam tantos cambiantes torna sóis no vario de invenções, que se enredou o pensamento nas luzes, e se confundio no numero, pois o limitado do logar parece que se dilatava com ellas nesta ocasião*»¹⁴.

Se as notícias sobre festas no Rio de Janeiro do século XVII são reduzidas, elas se ampliam consideravelmente no século XVIII, acompanhando a crescente importância da cidade no ciclo do ouro, culminando com sua designação para capital da colônia em 1763.

¹¹ Gomes Pereira, Sonia. A reforma Pereira Passos e a construção da identidade carioca. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pós-Graduação da Escola de Belas Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998, p. 71.

¹² A antiga Casa dos Governadores no Morro do Castelo havia sido abandonada, passando os governadores a residir na planície em casas de aluguel pago pela municipalidade até 1698. Gomes Pereira, op. cit., p. 72.

¹³ Relação da aclamação..., op. cit., p. 348.

¹⁴ Relação da aclamação..., op. cit., p. 350.

Festa do casamento da princesa do Brasil em 1760

Em 1760, festejou-se o casamento da Princesa do Brasil, D. Maria, com o Infante D. Pedro. Apesar de nunca ter sido mencionada na literatura especializada sobre o Rio de Janeiro, encontramos alguns documentos que a descrevem: um ofício do governador Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela¹⁵, além de alguns documentos relativos a despesas do Senado da Câmara¹⁶ (Anexo 1).

Destes documentos é possível verificar que a festa seguiu o padrão habitual. A divulgação da notícia foi feita por uma carta régia datada de 6 de junho de 1760. A programação consistiu em: tríduo solene na Catedral¹⁷, organizado pelo bispo; luminárias por três noites; touradas e cavalhadas por seis dias; óperas durante três noites; farsas com máscaras; fogos de artifício; e, como descreve o documento, «cada um dos ofícios se mostrou empenhado em dar a sua dança com emulação»; e «os comissários desta Praça empenharam-se em fazer um estado da China e o executaram com magnificência»¹⁸.

Festa do nascimento do príncipe da Beira em 1762

O nascimento em 1761 do Príncipe da Beira, D. José, primogênito de D. Maria I, vai ser comemorado em 1762. Esta festa é mencionada na literatura especializada¹⁹ e existem dois folhetos que a descrevem²⁰, destacando-se entre os organizadores o governador Gomes Freire de Andrade e o bispo D. Antônio do Desterro Malheiros (Anexo 1).

¹⁵ Ofício do Conde de Bobadela, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1761. Manuscrito 5,3,50 n.25 – Biblioteca Nacional/RJ.

¹⁶ Documentos do Senado da Câmara – Arquivo Geral da Cidade/RJ: tratam do fornecimento de cera (43-4-15: Festividades Reaes. Requerimentos, contas. 1760-1823) e do pagamento de propinas (48-4-10: Propinas pelo casamento da princesa do Brasil com o infante D. Pedro. Luminárias. 1760; 48-4-8: Propina. Luminarias em honra dos principes do Brasil. Requerimento de Antonio Pinto Coelho, syndico da Camera. 1760).

Nas cópias extraídas do Conselho Ultramarino, vol. 28, 1760, folha 92 (IHGB/RJ), consta um ofício datado de Lisboa, 22 de outubro de 1761, sobre problemas de cerimonial durante a festa: «desatenção com que alguns Ministros da Relação do Rio de Janeiro ocuparam os assentos por ocasião do Predico gratulatório que se celebrou na Catedral pelos felizes desponsorios [...]»

¹⁷ A igreja de São Sebastião, no alto do Morro do Castelo, que em 1676 se tornara catedral da recém-criada diocese, foi despojada em 1734, quando o Cabido transferiu-se para a Igreja da Santa Cruz dos Militares, na Rua Direita, aí ficando até 1737, quando se transfere para a igreja de N. S. do Rosário e São Benedito, onde permaneceu até 1808. Gomes Pereira, S., op. cit., p. 72.

¹⁸ Ofício do Conde de Bobadela, op. cit.

¹⁹ Esta festa é citada em: Borba de Moraes, Rubens. Bibliografia brasileira do período colonial. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1969, p. 130-131 e 300-301; Mello Júnior, Donato. «Antônio Francisco Soares, artista dos desenhos e carros alegóricos das festividades promovidas pelo vice-rei Luís de Vasconcelos no Rio de Janeiro em 1786». In Revista Barroco, nº 15, anos 1990-1992, Centro de Pesquisas do Barroco Mineiro, p. 353-364 (Anais do II Congresso do Barroco no Brasil, realizado em Ouro Preto de 25 a 29/9/1989); Vieira Fazenda, op. cit., p. 109; Winz, op. cit., p. 194.

²⁰ «Epanáfora festiva ou Relação sumária das festas, com que na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, se celebrou o Feliz Nascimento do Sereníssimo Príncipe da Beira Nosso Senhor.

A notícia do nascimento foi participada à cidade em 24 de janeiro em 1762. Imediatamente ordenou-se três dias de luminárias e repiques em todas as igrejas. Até 7 de maio, o tempo se consumiu em preparativos.

De 7 a 9 de maio, realizou-se um tríduo solene na igreja de S. Bento suntuosamente decorada²¹, programado da seguinte maneira: nas três manhãs, missas; e nas três tardes, seguiram-se sermão, Te Deum e procissão – esta última desfilando pela cidade, com a participação do Cabido, das três ordens religiosas – Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas – e de inúmeras irmandades²².

Lisboa, na ofic. de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Cardial Patriarca, MDCCLXIII (1763). Com as licenças necessárias»; «Relação dos obsequiosos festejos, que se fizeram na Cidade de Sebastião do Rio de Janeiro, pela plausível notícia do Nascimento do Sereníssimo Senhor Príncipe da Beira, o Senhor D. José. No ano de 1762, oferecida ao nobilíssimo Senado da mesma Cidade, que tão generosamente concorreu para estes grandes festejos, em que se empenhou a sua fidelidade, e desempenhou o seu afeto. Por um seu Cidadão, e Anônimo. Lisboa, na Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXIII (1763). Com as licenças necessárias (folheto anônimo)». In Genethliacos dos Sereníssimos Reys, Rainhas e Principes de Portugal. Colligidos por Diogo Barbosa Machado, Abbade Paroquial da Igreja de Sto. Adrião de Sever e academico da Academia Real. Tomo V- Comprehende o anno de 1761 até 1767 (Biblioteca Nacional/RJ – Obras Raras – 23,1,5 n.23 fls. 173- 183 e 184-198).

A Relação dos obsequiosos festejos... faz descrição minuciosa das festas, principalmente das luminárias; refere-se mais às atividades organizadas pelo governador e pelo Senado da Câmara. A Epanáfora festiva... descreve com mais detalhes as solenidades religiosas, ordenadas pelo bispo, no S. Bento: é escrita numa linguagem muito mais rebuscada, com pretensões literárias, e num tom muito mais laudatório do que a Relação dos obsequiosos festejos...

²¹ «Estava o templo soberbamente adornado, porque sobre ser todo o seu corpo incrustado de lelisima e dourada talha, tinha o arco maior, e o das capelas laterais cobertos de sitiaes de veludo carmezi, e rematava-se cada um em pavilhão do mesmo, avivados de melancias de prata, e orlado tudo com galoens e franjas de ouro. Por cima da porta principal e quasi emparelhando com o coro religioso se elevou a orquestra de Musica, rica pela armação [...] Na capella môr, se vião de hum, e outro lado arquivancos altos para os paramentados, que tinhão de servir ao fausto dos Pontificiaes, os quaes se cobrião de boas alcatifas, e sustentavão aseadas cadeiras com almofadas de damasco incarnado; seda, que entrocada de galoens de ouro vistosamente occultava o claro das paredes. Sobre o altar se erguia o Trono em que se havia de residir o menino Deos Sacramentado; cuja estrutura, e adereço, se não correspondia á grandeza do Numen, desempenhava ao menos os esforços da piedade humana. Escondia esta maquina aos olhos o seu material por meio de velelhos de prata, e passamanes de ouro que a cobrião; e depois de fazer o precioso alarde de cento e vinte castiças de brunhida e bem lavrada prata, se rematava em um docel de brocada de ouro, ao qual assombava posto na boca da tribuna hum riquissimo e colorido pavilhão. Nas partes adjacentes era o ornato de veludos, e varias sedas de custo, para que onde o ouro, e prata servião à Magestade, contribuisssem as cores ao deleite [...]». Epanáfora festiva..., op. cit., folha 187, p. 7-8.

²² São citadas as seguintes irmandades: da Ordem Terceira de S. Francisco, dos Meninos Órfãos, do Terço da Sé, de S. José, da Senhora Mãe dos Homens, de S. Brás dos Pardos, de Santa Rita, além do Santíssimo Sacramento das quatro freqüências da cidade.

A Epanáfora festiva... afirma que a procissão «principiou-se por muitas e curiosas danças, que com modulação entoavão os louvores da Casa Real» (folha 189, p. 11); e que as ordens e irmandades se apresentavam «tão ricas elas no fausto de que se cobrião, tão preciosos eles nas jóias de que se adornavão, que quasi se via já o ouro com desprezo, já para os diamantes se olhava com indiferença» (folha 190, p. 13); e descreve a cidade: «As ruas estavão bordadas pelos corpos Militares decentes pelo uniforme, pela disciplina grave. Soavão a marcha os instrumentos bellicos de atabales, frautas, e trompas [...] As janellas primorosa, e ricamente armadas [...] Via-se o porto coberto de embarcaçoens [...] todas[...]embandeiradas, onde com as flammulas, galhardetes, e pavézes davão aos olhos o insolito espectáculo de tremulo jardim[...] Ao passar a procissão, entrarão a disparar[...] os navios[...] lhe respondeo a artilharia das Forlatezas [...]» (folha 191, p. 16).

A Relação dos obsequiosos festejos... acrescenta que «arrumarão os tres Regimentos que há na cidade, e se bordou com elles toda a rua direita, principiando na ladeira de S. Bento até o Palacio [...]» (folha 180, p. 15).

Durante estas três noites, a cidade ficou toda decorada pelas luminárias, que os dois folhetos descrevem minuciosamente²³.

As festas transcorreram de 16 de maio a 6 de junho e compreenderam: tou-
radas nos dias 16 e 21, precedidas por danças²⁴; cavalladas nos dias 17 e 23,

²³ Segundo a Relação dos obsequiosos festejos..., as luminárias mais ricas e vistosas foram do Conde de Bobadela: «Na fachada principal do Palacio de sua residencia mandou formar uma vista de ouro, em que havia muitas figuras, que representavão as Virtudes, todas com seus disticos, e se rematavão com a figura de America e mais de 4000 luzes, que todas ao mesmo tempo se acendião juntas, despedindo no fim huma grande copia de fogo no ar [...] O risco foi feito pelo Tenente Coronel Joseph Custódio [...]» (folha 175, p. 6). A Epanafora festiva... também descreve as luminárias do governador: «Encostado à face primeira do seu Palacio se formou um bellissimo portico executado com tanto artificio, que a estratagemas do pincel muitas vezes se enganarão os olhos. Nem foi ordinario o modo, porque se iluminou esta fachada; pois, prendendo-se o fogo em hum fio, e deste communicando-se por outros vasos, em breve instante se mostrou semeada de 4000 estrellas la sobem da balaustrada superior em fogo de artificio tantas luminarias volantes; e cá se despeção dos pedestaes inferiores andantes luminarias, que bipartidas em carros de triunfos, precedidos estes do General a cavallo com numerosa cometiva,, illustravão as ruas por ennobrecer os moradores» (folha 193, p. 19).

Também muito elogiadas foram as luminárias do chanceler e desembargador João Alberto Castello-Branco: «mandou formar huma varanda nos dous frontispicios das suas casas, e nellas se vião pintadas cortinas prezas pelas ilhargas, e a cada janella tapava huma estatua pintada, e das grades até os telhados muitas luzes accezas, que davão lugar a verem-se as estatuas, e as cortinas; e fazia huma formosa, e agradável perspectiva [...]; e era huma das partes donde toda a gente parava e se detinha., porque como ficão na ladeira de Santo Antonio, tinhão os Religiosos [...] muitas cabeças de alcatrão accezas, e muitas luzes por todas as cellas do Convento, e muros da ladeira, que fazião tudo muito vistoso». Relação dos obsequiosos festejos, op. cit., folha 177, p. 9-10.

A Relação dos obsequiosos festejos... afirma que, dos prédios religiosos, o que mais se destacou foi o do Bispo, que mandou «ornar o seu palacio, da rua até os tellhados, de muitas mil luzes, que parecia ardia nelle um chuveiro de estrellas e, quanto mais longe se vião, por ficarem em hum monte da Cidade, mais brilhavão» (folha 179, p. 14). A Epanafora festiva... também descreve estas luminárias: «As luminarias que decoravão o paço Episcopal erão de hum modelo exquisito. Lavrou-se na fachada daquelle edificio hum peristilo de chammas; e para que se não truncassem as peças houve a prevenção de se imberberem as torcidas em huma substancia, que as fazia indemnes aos esforços do vento. Em cada vão dos nove arcos, se divisava humas letras pelo mesmo elemento formadas, que juntas compunhão estas palavras: Viva El Rey. Os justes, capiteis e timpanos se representavão tanto ao natural, que pasmava a consideração em ver que, desprezados os marmores, e cedros, ministrasse o fogo matéria para a architectura. Então se conheceu que, se se dava gosto dos ouvidos harmonia de vozes, havia delicia dos olhos para concerto de luzes [...] O desenho foi todo de sua Excia Revma [...]» (folha 192, p. 17-18).

²⁴ A Relação dos obsequiosos festejos... descreve a tourada do dia 16: «Pela uma da tarde entrou o Neto, e feitas as cortezias, se lhe deu ordem para vir alimpar o curro huma companhia paga, de que he Sargento mór Gregorio de Castro de Moraes, hum dos mais distintos Officiaes que tem a Guarnição desta Praça [...] e o executou com bellissimo desembaraço. Entrarão logo as danças, sendo a primeira a das siganas, que se compunha de dezaseis moças, e vinhão asseadissimas, e dançarão primorosamente, dando-lhe muitos vivas o povo. Seguio-se a dos Cajadinhos, com sua gaita de foles, e também a executarão muito bem; depois desta bailou a dos Alfayates, que erão oito Cavalleiros Teutonicos, vestidos huns de seda encarnada, e outros de seda azul, com os vestidos todos agaloados, e com primor executada. Seguirão-se a estas outras varias, que derão os Officios, todas dignas de serem vistas...» (folha 180, p. 16 – folha 181, p. 17).

A Epanafora festiva... descreve com mais detalhes os carros apresentados pelos officios: « Os ourives com um carro triumphal com as 4 partes do mundo, e outras figuras que erão imagens de varios deoses da Gentilidade, formarão huma bellissima scena, onde com canto, e representação se admirou huma obra soragmatica alusiva ao feliz nascimento, que celebramos; e o ornato, e riqueza de que se cobrião, bem se presume de homens que trazem nas mãos os metaes, que mais estima o mundo. Em outro carro tirado por pavoens vinha a farça dos carpinteiros, pedreiros e marceneiros. Fingia-se hum conflito entre Mouros, e Christãos; mas erão ali modulaçoens os gemidos, os ataques contratempos. Os sapateiros derão outro carro, em que se figurava hum monte: Por elle se vião alguns Indios à caça

precedidas pelos carros de aguar, entre outros²⁵; congadas²⁶ no dia 19; óperas²⁷ nos dias 2, 5 e 8; banquete²⁸ no dia 6; fogos de artifícios²⁹ provavelmente no dia 6 de junho.

de feras do paiz, pelo aspecto bem fingidas: mas descendo-s huns, e outros do monte, e concertando hum brincado baile, compensou a consideração o engano dos olhos; pois mal se compadecia tanta ordem no brutal, tanta gala no ferino...» (folha 195, p. 24 – folha 196, p. 26).

«No dia vinte e hum houve o segundo dia de Touros, e foy em tudo igual ao primeiro [...]»

(Relação dos obsequiosos festejos... folha 183, p. 21).

²⁵ A Relação dos obsequiosos festejos... descreve as cavalladas do dia 17: «foy o 1º das Cavalladas, e o mais completo, e vistoso, pelo cheyo que estava a Praça de riquissimos, e exquisitos mascarar. Entrarão pela Praça dous carros a aguar o curro, com a figura de Neptuno nas partes superiores delles, depois das danças, que no dia antecedente na Praça se virão. Depois se seguirão tres carros, hum dos Ourives com as figuras da Europa, Africa, Asia e America, e com outras varias, fingindo os Deoses Gentilicos, todos primorosamente figurados, e formavão huma bella dança, toda representada, e cantada. Atrás deste carro hia outro, que era dos Carpinteiros, Pedreiros, e Marcineiros, puxado por seis pavões muito proprios, e nelle hia huma dança de Mouros e Cristãos, os quaes dançarão fingindo huma briga, toda cantada, e representada. Seguia-se a este outro, que mandarão fazer os Mestres do officio de Sapateiro, em que havia leões, tigres, macacos, jacarés, tatus, lagartos, ursos, e outros mais bichos: era formado este carro no feitio de hum monte, e por elle espalhados alguns Indios à caça com arcos, e flechas, e descendo os bichos do monte, se descirão os Indios para lhes atirarem com as flechas; e levantando-se os bichos formarão todos huma dança, que deu gosto a todos que estavam no curro vendo este festejo, tendo esta dança pela mais extravagante. Acabada esta ultima dança, entrou o estado dos Cavalleiros, que constava de muitos cavallos, custosa, e brincadamente ajaezados, com seus criados de librê e andarilhos com vestidos asseados, e librês custosas: os ditos levarão as lanças, e escudos, com que elles havião correr nas cavalladas. Derão volta ao redor de toda a Praça até sahirem para fóra. Depois entrarão vinte Cavalleiros, dez vestidos de seda encarnada, com vestias, e canhões azuis, e outros dez de seda azul, com vestias e canhões encarnados, com grandes cocâres de plumas nos chapeos, e em lugar de botões joyas de diamantes de muito preço. A sua entrada foi logo formando huma escaramuça muito bem feita, e finda ella, principiarão a correr alcancias, canas e cabeças: acabarão com parelhas, e outra escaramuça diversa, tudo executado com singular primor; e foy uma tarde bem empregada, e divertida» (folha 181, p.17-18).

«[...]no dia vinte e tres foy o segundo das Cavalladas, e só teve a diferença de varios brincos diversos, como também diversas escaramuças». (Relação dos obsequiosos festejos... folha 183, p. 21).

²⁶ A Relação dos obsequiosos festejos... afirma que: «No dia dezanove fizerão todos os Pardos, que havia na Cidade, à sua custa, hum Estado, imitando ao do Rey do Congo, e constava das figuras seguintes: Hum Rey, hum Principe, dous Embaixadores, sete Sôbas, nove Capitães da Guarda, três Mocambas, huma com vestido nú fingindo Africa, armada de arco e flecha, e as outras duas serventes do Rey, e seis laudatarios. Seguia-se a isto a dança de hum Sôba Mágico, composta de varios bichos, os quaes eram leão, cavallo, camello, cão, onça, urso, unicornio, macaco, jacaré, boi, com hum elefante ricamente vestido, cantando todos em applauso do Nascimento do Sereníssimo Senhor Principe da Beira. Seguia-se outra dança de doze leões, com a figura de Hercules por guia. A esta se seguia a dos Calhastros tambem de doze figuras. Era a terceira dança a dos Ambacas, com oito figuras, e a quarta a dos muleques com doze figuras. Seguia-se a Quinta chamada de talheiras, que vinhão as figuras, que a compunhão, vestidas em trajes de mulheres. A sexta dança era de Negrinhas pequenas. A Setima era de Moleques pequeninos de Angola. A oitava era a de catupé, que são Moleques de Angola mayores; e esta, e a antecedente eram danças do Principe. Ultimamente seguia-se o baile de Congo de doze figuras, com seu Secretario, significando dança Real, indo adiante huns Cabumdás, trajados de pennas, cortando, e abrindo caminho, para marchar o Estado. Todas estas figuras hião vestidas de ricas sedas de ouro, prata, e matizes de todas as cores, e levavão muitos diamantes, e todas com borzeguins bordados de cordões de ouro, e sapatos da mesma sorte» (folha 183, p. 20-21).

²⁷ A Relação dos obsequiosos festejos menciona as «tres Operas, para o que se armou de novo, e fez huma grande casa na Praça desta Cidade, à custa dos homens de Negocio, e nella se executarão belissimamente nas noites dos dias dous, cinco, e oito de Junho: as vistas, e vestidos não podiam ser mais ricos e preciosos; a orquestra e musica foy numerosa; e o concurso em todas as tres noites foy

São vários os locais da cidade utilizados pela festa (Anexo 2). A procissão caminha toda a rua Direita, desde a ladeira de S. Bento até o Palácio, isto é, a segunda Casa dos Governadores, terminada em 1743 no Largo do Carmo – mesmo local, onde se arma um teatro com camarotes e platéia para as óperas. O tríduo se realiza na igreja do Mosteiro de S. Bento. Na descrição das luminárias, inúmeros prédios da cidade se destacam: as fortalezas e o Castelo da Cidade; o Palácio do Bispo no Morro da Conceição; a casa do chanceler na ladeira de Santo Antônio; os conventos do Carmo, de Santo Antônio, de Santa Teresa, da Ajuda e Conceição; a Sé; o Paço dos Governadores; e o Senado da Câmara – nesta época, entre 1757 e 1780, funcionando num prédio na esquina do Largo do Carmo com rua do Mercado³⁰. A cidade em meados do século XVIII já estava totalmente instalada na várzea. A rua principal é justamente a rua Direita e o Largo do Carmo já se configurava como o novo centro da cidade. Fora da cidade, no campo de S. Domingos, é construída uma arena com camarotes, tribunas e palanques³¹.

numerosissimo, pois se encherão todos os camarotes, e platea; e só neste divertimento se gastou mais de oito mil cruzados» (folha 183, p. 21).

A Epanafora festiva... afirma que *«Sobre hum teatro, que se construiu na praça contigua ao Palacio de residencia dos Governadores, se derão ao povo tres Operas a custa dos homens de negocio [...] havia alli huma decoração soberba, que as vistas eram naturalissimas, a orquestra numerosissima, e as personagens excelentes na Musica, e peritos na arte de representar[...]»* (folha 197, p. 27).

²⁸A Relação dos obsequiosos festejos... menciona que, no dia 6 de junho, o Conde de Bobadela deu um *«magnifico banquete a todos os Ministros da Relação, Officiaes Militares, e pessoas de distincão, que havia na Cidade, e sempre passarão de oitenta pessoas, por ser dia dos annos do nosso amabilissimo Monarca o senhor D. Joseph»* (folha 183, p. 21).

²⁹A Relação dos obsequiosos festejos... descreve o espetáculo de fogos de artifício no dia 28 de junho: *«Coroou-se todo este festejo com hum jardim de fogo feito no Campo de S. Domingos, que se executou em vespera de S. Pedro, para o qual concorreo o Senado da Camera, que importou o feitio, e polvora para se elle armar, em mais de seis mil cruzados, e principiou ás nove horas da noite, e durou até a huma, despovoando-se toda a Cidade [...]»* (folha 183, p. 21-22).

A Epanafora festiva... também descreve os fogos, mas na noite do dia 6 de junho: *«No dia seis de Junho [...] banquete [...] E na noite deste dia se coroou todo o festejo Real com fogos de artifício. Elevou-se no campo, a que chamão de S. Domingos, huma maquina de madeira, que se revestia com a imagem de hum castello. Quem se admirou de lhe ver a construção, teve o prazer de o ver reduzir a cinzas. Deu-se principio a esta travessura com a apparencia de huma embarcação fingida, que trazia o vento nas rodas sobre que se sustentava. Esta emparelhando com o castello em fôrma de pejeja disparou algumas bombardas, e se occupou toda em varias invençoens de fogo. A este ataque correspondeo o castello com relampagos, e trovoes repetidos: neste era o horror agradável, naquelles o divertimento [...] durando esta scena 4 horas [...]»* (folha 197, p. 28 – folha 198, p. 29).

³⁰ Gomes Pereira, S., op. cit., p. 72.

³¹A Relação dos obsequiosos festejos... descreve que: *«Formou-se no campo de S. Domingos, extramuros da Cidade, huma grande Praça, que tinha quarenta braças de comprido e trinta de largo, toda cercada de palanques, com duas ordens de camarotes junto aos ultimos assentos, como em todas as partes se pratica. De frente da porta principal se fez hum camarote todo forrado, e armado para o Senado da Camera, no qual esteve o Illmo. e Exmo. Conde de Bobadella, nosso Governador, e Capitao General, o Ouvidor Geral, o Corregedor da Comarca, o Doutor Juiz de Fôra, os Vereadores, o Procurador, o Escrivão do Senado e os Almotacés da Cidade, com as Armas Reaes postas no meyo do frizo do camarote: da parte direita se fez outro para o Reverendo Cabido, e familia do Exmo. E Revmo. Prelado, e da parte esquerda, contiguo ao do Senado da Camera, se formou outro camarote para o Chanceler, e Ministros Togados da Relação; e para os lados de huma, e de outra parte os de varias pessoas particulares, como tambem nas outras tres faces. Todos elles estavam armados de cortinas e colchas primorosas, e todos os palanques, e camarotes, se encherão e occuparão de gente, que julguey estarião de dez mil pessoas para cima, fora outro tanto povo que andava pelo campo»* (folha 180, p. 15-16).

Festa do casamento de D. João e D. Carlota Joaquina em 1786

Em 1786 festejou-se o casamento dos Infantes de Portugal e Espanha – festa bastante mencionada na literatura especializada³², como uma das mais brilhantes já realizadas na cidade (Anexo 1). Dela existem dois folhetos: um impresso e composto apenas de poesias³³ e outro manuscrito contendo os desenhos para os carros alegóricos feitos por Antônio Francisco Soares³⁴, além de um único documento na coleção de pagamentos do Senado da Câmara³⁵.

Esta festa, organizada pelo vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, realizou-se de 2 a 4 de fevereiro, estendendo-se até 28 de maio, e constou pelo menos de touradas e cavalcadas, além do desfile de carros.

Quanto aos locais da festa (Anexo 2), para servir de arena às cavalcadas, foi construído um anfiteatro no campo da Lapa do Desterro. O Passeio Público foi todo iluminado e ornamentado e recebeu uma arquibancada com camarotes³⁶. O desfile dos carros alegóricos percorreu o seguinte itinerário: começou na rua da Misericórdia – certamente partia daí, porque os carros foram construídos na Casa do Trem –; seguiu pelas ruas da Cadeia, dos Ourives, dos Barbonos, das Belas Noites; e finalizou no Passeio Público e Campo da Lapa. O destaque do Passeio Público é feito, não apenas no programa, mas também no próprio folheto, pois é citado no título que a festa «*feita na praça mais lustroza e pública do Passeio desta cidade*»³⁷. Construído de 1779 a 1783, o Passeio Público cons-

³² Esta festa é citada em: Adonias, Isa (projeto e realização), Franceschi, Humberto Moraes (fotos), Albuquerque, Cyrene Chaves de (coordenação geral). IHGB – 150 anos. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990. ISBN 85-85236-02-7, p. 50; Macedo, R., op.cit., p. 30; Marques dos Santos, Francisco. «Artistas do Rio colonial». In Anais do Terceiro Congresso da História Nacional, IHGB, 8º vol., 1942, p. 495; Mello Júnior, D., op. cit., p.353-364; Vieira Fazenda, J., op. cit., p. 109; Winz, A P., op. cit., p. 194.

³³ Epithalamio Metrico que canta a muza franciscana Fluminense nos felicissimos despozorios dos Serenissimos S. S. Infantes de Portugal e Castella ofrecido ao Illmo. e Exmo. Snr. Vice Rei do Estado o senhor Luiz de Vasconcellos e Souza por mãos do Ministro Provincial dos Reformacos da Imaculada Conceição do Brasil, 1786. Manuscrito 9,1,26 – Biblioteca Nacional/RJ.

³⁴ Relação dos Magnificos carros, que se fizerão de arquitetura, perspectiva, e fogos; Os quaes, se executaram por Ordem D. Illust. E Excel. Senhor Luis de Vasconcellos, Capitão General de Mar, e Terra, e Vice Rei dos Estados do Brasil, nas Festividades dos Despozorios dos Serenissimos Senhores Infantes de Portugal. Nesta Cidade Capital do Rio de Janeiro. Em 2 de Fevereiro de 1786. Feita na Praça Mais Lustroza e publica do Passeio desta Cidade. Executados e ideados pelo O minimo subdito Antonio Franco. Soares, Ajudante agregado (Manuscrito IHGB/RJ. Publicado em Mello Júnior, D. op. cit., p. 353-364).

³⁵ Requerimento de Manoel Luiz Ferreira em 1790, solicitando pagamento correspondente ao aluguel do terreiro que serviu para a construção do curro, por ocasião das festas reais, pelos casamentos dos Infantes de Portugal e Espanha (43-4-15: Festividades Reaes. Requerimentos, contas. 1760-1823 – Arquivo Geral da Cidade/RJ). Este Manoel Luís Ferreira parece ser o mesmo identificado como tendo aberto uma casa de ópera, possivelmente entre 1770 e 1780, no Largo do Carmo. Teria vindo de Portugal em 1767 para servir num dos três regimentos da cidade: era barbeiro, dançarino e tocador de fagote. Azevedo, Moreira de. O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. 3ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969, vol. II, p. 155-158.

³⁶ Vieira Fazenda, J., op. cit., p. 109.

³⁷ Relação dos magnificos carros..., op. cit.

tituíva provavelmente o mais formidável elemento de modernização da cidade – entre inúmeros outros instituídos pela administração progressista do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa. A festa, portanto, se passava quase toda nesta parte reformada da cidade.

Os seis carros alegóricos são minuciosamente descritos na documentação³⁸: eram de Vulcano, de Júpiter, de Baco, dos Mouros, das Cavalhadas e das Cavalhadas Burlescas – todos com ornamentação rococó (Anexo 3). Quanto a seu autor – Antônio Franciso Soares –, apresentado como tenente agregado, não se conseguiu saber mais notícias até agora³⁹.

Festas pelo nascimento dos infantes: A princesa da Beira em 1793 e D. Antônio em 1795

Bem no final do século, duas festas foram feitas no Rio de Janeiro – ambas durante o vice-reinado de D. José Luís de Castro, o Conde de Resende – ligadas às comemorações pelo nascimento dos filhos de D. João e D. Carlota Joaquina: a Princesa da Beira em 1793 e D. Antônio em 1795 (Anexo 1). Não há nenhuma menção destas festas na bibliografia especializada sobre o Rio de Janeiro, nem foram encontrados até agora folhetos descritivos. No entanto, na documentação relativa a despesas do Senado da Câmara, aparecem referências a estes eventos: uma sobre o de 1793 e inúmeras sobre o de 1795.

O único documento sobre a festa pelo nascimento da Princesa da Beira em 1793 não esclarece a época do ano, nem o programa completo, mas menciona cerimônias religiosas na Sé, que foi para este fim ornamentada, além de fogos de artifício e coretos de música⁴⁰.

Vários documentos tratam da festa em 1795 pelo nascimento de D. Antônio⁴¹. Ocorreu entre junho e agosto e deve ter seguido o roteiro característico deste tipo de evento: há menção ao bando para publicação das festas; ao tríduo na Catedral nos dias 17, 19 e 21 de junho, englobando missas, sermão, procissão e luminárias; e à festa que provavelmente em agosto, compreendendo luminárias, fogos de artifícios, máscaras, touradas precedidas pelo carro de aguar, carros com danças, incluindo «*dança das ninfas e carro do sol*»⁴², «*carros triunfantes com música instrumental de pretos*»⁴³ e «*carro do Cupido*»⁴⁴.

³⁸ Relação dos magnificos carros..., op. cit. Abstenho-me aqui de comentá-los mais demoradamente, pois já foram minuciosamente descritos por Donato Mello Junior, op. cit., p. 353-364

³⁹ Marques dos Santos, F., op.cit. p. 495.

⁴⁰ Requerimento de Clemente Al... em 1793, solicitando o pagamento de 529\$230, provenientes de diversas despesas que fez com as festividades pelo nascimento da Princesa da Beira (43-4-15: Festividades Reaes. Requerimentos, contas. 1760-1823 – Arquivo Geral da Cidade/RJ).

⁴¹ Vários requerimentos e recibos referentes à festa real de 1795, pelo nascimento de D. Antônio (43-4-15: Festividades Reaes. Requerimentos, contas. 1760-1823; 43-4-17: Festividades religiosas do Senado da Camara – rēquerimentos, contas, etc. 1783-1822 – Arquivo Geral da Cidade/RJ).

⁴² ACG/RJ 43-4-15, folha 25: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796.

⁴³ AGC/RJ 43-4-15, folha 27: Requerimento de Antônio José de Souza, 1796.

⁴⁴ AGC/RJ 43-4-15, folha 62: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796.

São citados também alguns espaços da cidade utilizados nesta festa (anexo 2): o tríduo na Catedral, os foguetes no Largo do Palácio – isto é, no Largo do Carmo –, os tiros das fortalezas, a construção da arena com camarotes na Praça do Curro –que nesta época devia ser no Campo de Santana.

No entanto, esta documentação do Senado da Câmara é mais rica, como seria de se esperar, na identificação das pessoas que participaram da organização da festa. Ao lado de fornecedores – de cera, de madeira, de panos e fitas, de vestuário –, de acompanhantes de bando, de lançadores de foguetes, aparecem artistas e artifices. Entre os músicos, Inácio da Fonseca Brandão foi responsável pelo bando da publicação das máscaras em 19 de agosto⁴⁵ e Manoel Luiz Ferreira – que também é citado na festa anterior – atuou nos dias 17, 19 e 21 de junho, provavelmente no tríduo⁴⁶. Pedro Antônio Pereira organizou a «dança das ninfas» e o «carro do sol»⁴⁷; e o ator identificado como pardo Celestino foi gratificado por «várias galantarias que fez em pé a cavalo na noite da Luminária»⁴⁸. Os carpinteiros Jerônimo Félix Pereira⁴⁹, João da Fonseca⁵⁰ e seus oficiais trabalharam nos camarotes da Praça do Curro; Sebastião da Costa Maia executou o carro de aguar⁵¹. Inácio Ferreira Pinto, conhecido por trabalhos importantes como entalhador, forneceu cera e construiu o madeirame do fogo⁵². Entre os pintores, Manoel dos Santos e Souza fez pinturas nos camarotes principais da Praça do Curro⁵³; Francisco Luís Lisboa trabalhou na segunda noite de iluminação⁵⁴; e José Leandro de Carvalho, conhecido pintor da chamada Escola Fluminense, fez letreiros para a iluminação do Curro⁵⁵.

⁴⁵ AGC/RJ 43-4-15, folha 11: Requerimento do Porteiro e solicitador das causas do Senado, 1795.

⁴⁶ AGC/RJ 43-4-17: Requerimento de Manoel Luiz Ferreira., 1795.

⁴⁷ ACG/RJ 43-4-15, folha 25: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796.

⁴⁸ AGC/RJ 43-4-15, folha 62: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796

⁴⁹ AGC/RJ 43-4-15, folha 19: Requerimento de Jeronymo Felix Pereira, 1795; e AGC/RJ, folha 27: Requerimento de Antônio José de Souza, 1796.

⁵⁰ AGC/RJ: 43-4-15, folha 27: Requerimento de Antônio José de Souza, 1796; AGC/RJ, folha 62: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796.

⁵¹ AGC/RJ 43-4-15, folha 23: Requerimento de Sebastião da Costa Maya, 1796.

⁵² AGC/RJ 43-4-15, folha 60: Requerimento de Ignacio Ferreira Pinto, 1796. Ignacio Ferreira Pinto nasceu no Rio de Janeiro em 1759. Trabalhou como entalhador na igreja da Ordem Primeira de N. S. do Carmo de 1785 a 1795; na igreja do Mosteiro de São Bento de 1787 a 1789 e depois em 1793 (sacristia, altar-mór e arco-cruzeiro); entre 1789 e 1790, trabalhou também na igreja de N. S. Mãe dos Homens e N. S. da Conceição e Boa Morte. Nancy Rabelo menciona sua atuação como armador do prospecto do fogo na festa de comemoração pelo nascimento de D. Antônio em 1795. Rabelo, Nancy Regina Mathias. A originalidade da obra de Ignacio Ferreira Pinto no contexto da talha carioca na segunda metade do século XVIII. Rio de Janeiro, Pós-graduação da Escola de Belas Artes/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001, p. 117 e 123. Dissertação de Mestrado.

⁵³ AGC/RJ 43-4-15, folha 20: Requerimento de Manoel dos Santos e Souza, 1795.

⁵⁴ AGC/RJ 43-4-15, folha 62: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796.

⁵⁵ AGC/RJ, folha 62, folha 62: Requerimento de Pedro Antônio Pereira, 1796; e AGC/RJ, folha 48: Recibo assinado por José Leandro de Carvalho, 1796. José Leandro de Carvalho nasceu em Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro) e veio para a capital, onde foi iniciado na pintura por Manuel Patola. Destacou-se como retratista da corte – tendo executado vários retratos da família real, sobretudo de D. João VI e D. Pedro I – e decorador da Capela Real. Morreu em 1834 no Rio de Janeiro.

Concluindo, podemos verificar que a análise dos documentos referentes a estas comemorações nos permite entender melhor as festas públicas realizadas no Rio de Janeiro colonial. Estratégias eficientes de manutenção e consolidação do poder real, sobretudo numa colônia distante, elas seguem o mesmo modelo de organização em todo o reino português, tanto na sua motivação, quanto na sua programação⁵⁶. Exemplos privilegiados de festa barroca, elas aglutinam todas as formas de arte na construção de um espetáculo, em que o efêmero e o maravilhoso transfiguram a rotina da ordem social⁵⁷. Montagens instaladas no espaço público, elas renovam velhos itinerários e celebram novos espaços, numa cidade em intenso processo de transformação.

⁵⁶ Ferreira-Alves, Joaquim Jaime B. «A festa barroca no Porto ao serviço da família real na segunda metade do século XVIII». In *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. V, 1988, p. 9-67; «A festa da vida, a festa da morte e a festa da glória: três exemplos em 1793». In *Revista Poligrafia*, nº 2, Porto, 1993, p. 103-143; «O Magnífico Aparato: formas da festa ao serviço da família real no século XVIII». In *Revista de História*, vol. XII, Centro de História da Universidade do Porto, 1993, p.155-220; «Os festejos no Porto pelo nascimento do infante D. António Pio (1795)». In *Revista Poligrafia*, nº 4, Porto, 1995, p. 89-131; «Festejos públicos no Porto pela Declaração da Regência de D. João, Príncipe do Brasil». In *Revista Poligrafia*, nº 7/8, Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2000, p. 13-39.

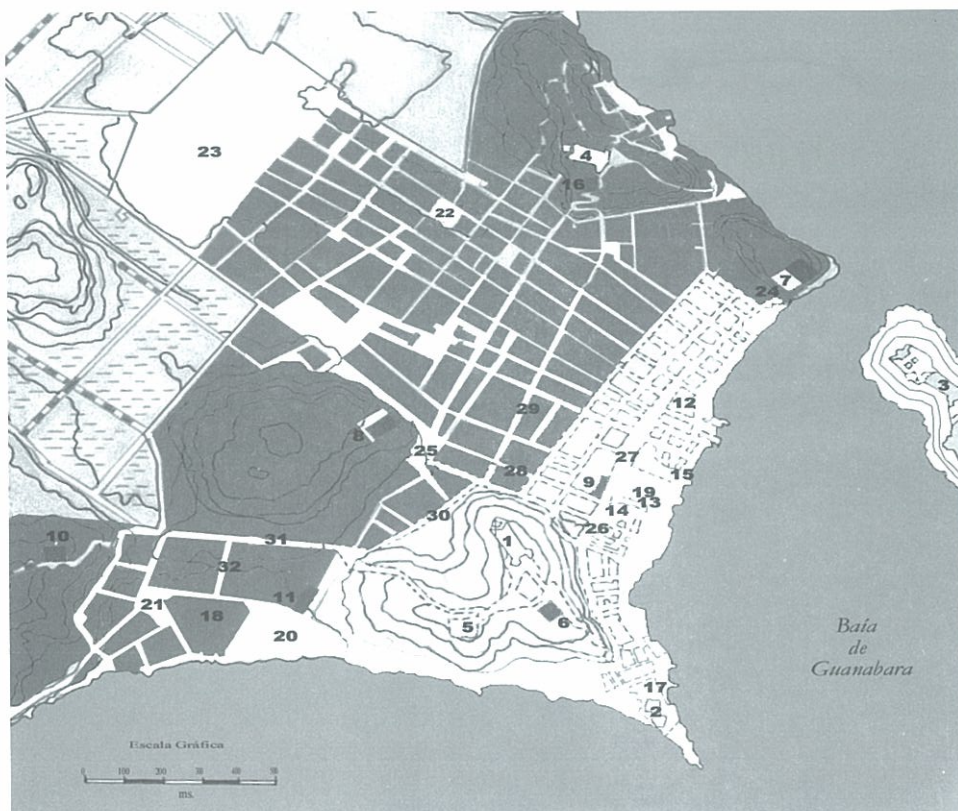
⁵⁷ Maravall, José Antonio. «Novedad, invención, artificio». In *La cultura del barroco – análisis de una estructura histórica*. 5 ed. Barcelona: Editorial Ariel, 1990, p. 453-498; Bonet Correa, Antonio. «La fiesta barroca como práctica del poder». In *Fiesta, poder y arquitectura*. Madrid: Akal, 1990, p. 5-30; Del Priore, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Anexo I

Festas no Rio de Janeiro Colonial	Festa de Aclamação de D. João IV em 1641	Festa do Casamento da Princesa do Brasil em 1760	Festa do Nascimento do Príncipe da Beira em 1762	Festa do Casamento de D. João em 1786	Festa do Nascimento da Princesa da Beira em 1793	Festa do Nascimento de D. Antônio em 1795
Programa	<ul style="list-style-type: none"> notícia chega em 10/3 – luminárias e disparos de artilharia (3 dias): 10, 11 e 12/3 festas – de 31/3 a 8/4: <ul style="list-style-type: none"> luminárias e encamisada - 31/3 alardo geral – 1/4 touradas- 2/4 jogo de canas- 3/4 comédia- 4/4 corrida de manilhas (jogo de argolinhas) - 6/4 companhias de mascarados- 7/4 	<ul style="list-style-type: none"> notícia: carta de 6/6/1760 fecha: época? – tríduo e luminárias (3 dias) touradas (6 dias) cavalhadas (6 dias) danças (ofícios) ópera (3 noites) execução de “Estado da China” (comissários) farsas com máscaras “jardim” de fogo artificial 	<ul style="list-style-type: none"> notícia chega em 24/1- luminárias, sinos das igrejas e salvas das fortalezas (3 dias) festas de 7/5 a 8/6 ou 28/6: <ul style="list-style-type: none"> tríduo (missas, sermão, Te Deum, procissão) e luminárias- 7 a 9/5 touradas - 16 e 21/5 precedidas de danças: de ciganas, de cajadinhos e dos ofícios (alfaiates) cavalhadas- 17 e 23/5 precedidas de carros - de aguar e de ofícios (ourives, carpinteiros / pedreiros / marceneiros e sapateiros) – e de estado de cavaleiros (comissários) compreendem escaramuças, alcanzias, canas, cabeças, parelhas, argolinhas congadas- 19/5 óperas- 2,5 e 8/6 banquete- 6/6 “jardim” de fogo de artifício- 6/6 ou 28/6 	<ul style="list-style-type: none"> festas: de 2 a 4/2, estendendo-se até 28/5 préstito com carros cavalhadas touradas (aproximadamente) 	<ul style="list-style-type: none"> fecha: época? <ul style="list-style-type: none"> missa música fogo do ar (aproximadamente) 	<ul style="list-style-type: none"> fecha: junho a agosto? <ul style="list-style-type: none"> bando para publicação das festas sermão- 13/6 tríduo- 17, 19 e 21/6 (missas cantadas, sermão, procissão, luminárias) luminárias (6 noites) bando para publicação das máscaras - 19/8 (com foguetes do ar / música) lançamento de foguetes touradas precedidas por carro de aguar dança das ninfas e carro do sol carros: <ul style="list-style-type: none"> triumfantes com música instrumental de pretos das danças do cupido (aproximadamente)

Locais	<ul style="list-style-type: none"> - alardo - 8/4 • Biblioteca do Colégio dos Jesuítas • Sé Matriz • Igreja de S. Bento • Campo da Ajuda • Casa do governador • todas as ruas da cidade • praça (?) (armação de teatro) 	<ul style="list-style-type: none"> • Catedral 	<ul style="list-style-type: none"> • Igreja de S. Bento (ornamentação para tríduo) • Palácio do governador e praça contígua • Ladeira de Santo António • Toda a rua Direita da ladeira de S. Bento até o Palácio • Senado da Câmara • Palácio do Bispo • Sé • Convento das Carmelitas • Convento de N. S. da Ajuda e Conceição • Convento do Desterro de Santa Teresa • Fortalezas e Castelo da cidade • Praça da cidade (?) (armação de teatro) • Campo de S. Domingos (construção de arena com camarotes, tribunas e palanques.) • ten.-cl. José Custódio (risco de lumimária) 	<ul style="list-style-type: none"> • Passio Público (construção de arquibancada com camarotes) • Campo da Lapa do Desterro (construção de arena em anfiteatro com tribunas) • Casa do Trem • itinerário: ruas Misericórdia, Cadeia, Ourives, Barbones, Belas Noites, Passeio Público, Campo da Lapa. • António Francisco Soares (risco dos carros) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sé • Clemente Al... (coreto, ornamentação da igreja, fogos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Catedral • Largo do Palácio • fortalezas • Casa da Câmara • Praça do Curro (construção de camarotes) • carpinteiros: Jerônimo Félix Pereira, Sebastião da Costa Maia, João da Fonseca e Inácio Ferreira Pinto • pintores: Manoel dos Santos e Souza, Francisco Luís Lisboa e José Leandro de Carvalho
artistas e artífices						

Anexo 2 – Mapa da cidade do Rio de Janeiro



Em amarelo, a cidade em meados do século XVII.

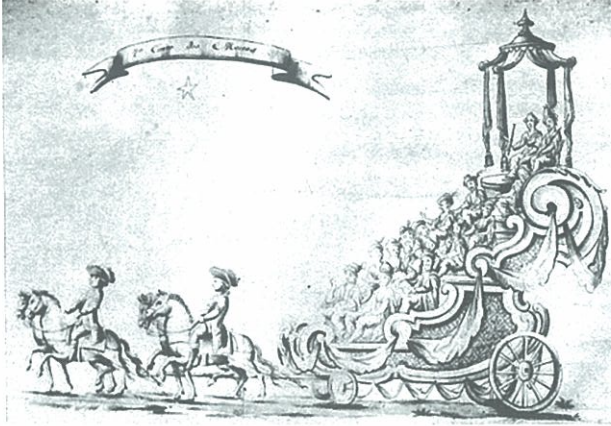
Em lilás, a cidade no final do século XVIII.

Localizados no mapa:

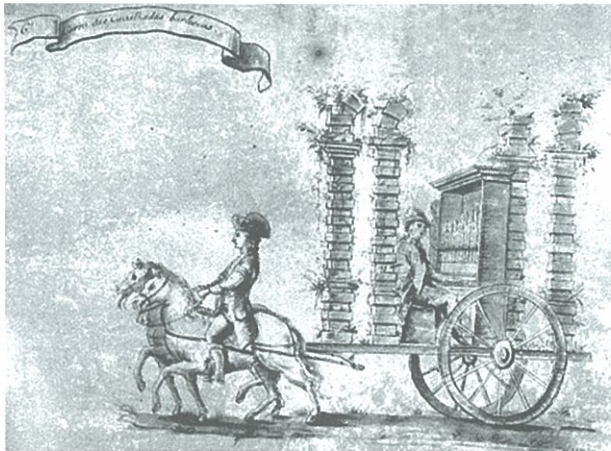
- | | |
|--|------------------------------|
| 1 – Fortaleza S. Sebastião ou do Castelo. | 17 – Casa do Trem |
| 2 – Fortaleza de Santiago. | 18 – Passeio Público |
| 3 – Fortaleza de S. José. | 19 – Largo do Carmo |
| 4 – Fortaleza da Conceição. | 20 – Campo da Ajuda |
| 5 – Igreja de S. Sebastião (Sé). | 21 – Campo da Lapa. |
| 6 – Igreja e Colégio de Sto. Inácio. | 22 – Campo de S. Domingos |
| 7 – Igreja e Mosteiro de S. Bento. | 23 – Campo de Santana |
| 8 – Igreja e Convento de Sto. Antônio. | 24 – Ladeira de S. Bento |
| 9 – Igreja e Convento do Carmo. | 25 – Ladeira de Sto. Antônio |
| 10 – Igreja e Convento de Sta. Teresa. | 26 – Rua da Misericórdia |
| 11 – Igreja e Convento de N. S. da Ajuda | 27 – Rua Direita |
| 12 – 1ª Casa dos Governadores (entre 1698 e 1743) | 28 – Rua da Cadeia |
| 13 – 2ª Casa dos Governadores – Paço (após 1743). | 29 – Rua dos Ourives |
| 14 – Casa da Câmara e Cadeia (entre 1640 e 1757) /
Tribunal da Relação (após 1757). | 30 – Rua da Ajuda |
| 15 – Casa da Câmara (entre 1757 e 1780). | 31 – Rua dos Barbonos |
| 16 – Palácio do Bispo | 32 – Rua das Belas Noites |

Baseado em Eduardo Canabrava Barreiros. Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro – 1565/1965. Rio de Janeiro: IHGB, 1965, pranchas 8 e 14. Adaptado por Mirela Amarante.

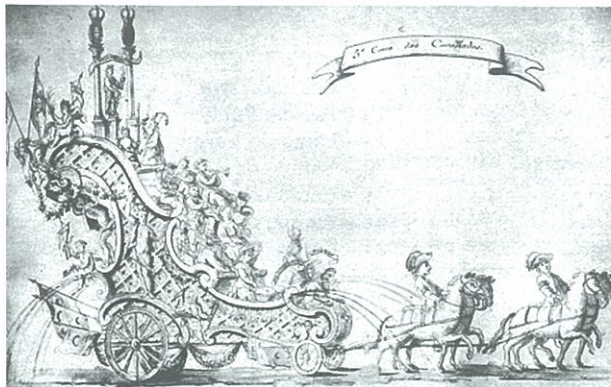
Anexo 3



Carro dos Mouros



Carro das Cavalhadas Burlescas



Carro das Cavalhadas

“Relação dos magníficos carros que se fizerão de arquitetura perspectiva e fogos; os quaes , se executarão por ordem D. Illust. e Excel. Senhor Luis de Vasconcellos, Capitão General de Mar, e Terra e Vice-Rei dos Estados do Brasil, nas festividades dos Despozorios dos Sereníssimos Senhores Infantes de Portugal. Nesta cidade capital do Rio de Janeiro. Em 2 de fevereiro de 1786. Feita na Praça mais lustroza e publica do Passeio desta cidade. Executados e ideados pelo o minimo subdito Antonio Francº Soares. Ajudante agregado” (IHGB / RJ).